





Contra a indiferença

I

vêm de longe e constroem casas inacabadas, deixam a meio os seus movimentos, e rodeiam as cidades de objectos anónimos: o espaço transforma-se num labirinto inextricável, onde cresce o que não terá o abrigo de um nome: mostram assim, com a precisão de quem aprendeu a não completar um gesto, a fragilidade dos nomes. O que abandonam, o que estão sempre a abandonar, para além da história de um longo e penoso esquecimento, são os seus gestos incompletos: paredes sem reboco, a falta de janelas, baldes pesados de cimento seco:

sobras, concentradas como denúncias.

:

Quem se aproxima destes homens não é acolhido nem rejeitado: acrescenta unicamente abandono ao abandono.

À noite, transformam-se em vultos,

deitam-se no chão, em colchões velhos, e continuam vultos,

saem de manhã e permanecem vultos:

quando chegam ao estaleiro, já cansados, pegam na pá ou no martelo, encostam-se por momentos a uma betoneira e não coincidem.

O dia começa.

:

Metástases de um mesmo silêncio.

:

O cântaro de barro mostra as mãos do oleiro,
a rabiça do arado, o suor de quem lhe pegou,
os ossos deformados destas mãos: a intimidade de um corpo:

O incompleto tem neles uma dimensão política, pública:
olha-se o que não será uma casa, e murmura-se com desalento:
para o que é, serve: poussa-se a colher de pedreiro, empurra-se pa-
ra um canto o entulho que se formou, um monte onde começará
a crescer o daninho: urtigas, trevos, cardos: uma nova forma de
indiferença.

Estas fotografias:

têm a implacabilidade de um interrogatório: não acolhem certe-
zas, geram naquele que as vê a violência de não se poder esconder.
São uma luz que o envolve como um casulo transparente, tirando-
-lhe o luxo que o protegia:
sorrisos, palavras, cumplicidades.

Não têm por trás a espessura de uma história. Que é quase sempre
um álibi. Não acusam, criam o “insuportável”: a ausência do refú-
gio que dá qualquer começo: agarrar num primeiro tijolo, ou atri-
buir um nome ao animal a que pertenceu uma carcaça. Tudo isto
porém nos é subtraído, estamos frente a objectos que nos dizem: a
nossa história não é mais do que a tua história, não tens olhos que
esqueçam, palavras que justifiquem, amigos com quem partilhas:
estás indefeso frente a uma acusação. Queres apagar aquilo de que
te afastaste, mas não consegues: regressas, obsessivo, à malignida-
de da tua imagem naqueles espelhos. E esse regresso revela a tua
vulnerabilidade:

tornaste-te um alvo.
E o tiro será certo.

Estrangeiros, ou estranhos?, como tentar falar-lhes? Os ruídos que emitem não passam de uma zoeira: que língua é esta? não se percebe nada do que dizem, sabe-se lá o que estarão a tramar.
Semelhantes a um abrigo feito à pressa: balbuciam.
As mãos, que ligaram um mosaico a outro mosaico, ergueram os rudimentos de um esboço.
De uma frase?
Há quem nasça e comece a aprender a enraizar palavras.
Há palavras que começam a aprender a enraizar-se em corpos.
Mas alguns homens vivem entre palavras sem raízes:
as deles, nos outros,
as dos outros, neles.

O fotógrafo:

torna inesgotável
a solidão do nosso olhar.
Como um predador, acolhe-se na intimidade da sua presa. E mostra-a. Mostrar, nele, é não permitir que alguém se desvie:
do árido para a aridez,
do pobre para a pobreza,
do concreto para o abstracto.
O animal esquarterado não irradia, como não irradia o arremedo de uma casa: um clarão implacável revela-os um detrito comum (um delito?):
a carne não será consumida e apodrecerá,
a casa não será acabada e desabrigará,